

Ficha de Entrevistas

INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A PESSOA ENTREVISTADA

Nome ou Apelido

Matheus Miranda, drag queen Alexia Twister

Quem é?

Matheus começou como drag queen aos 17 anos de idade após ser inscrito em um concurso. Hoje, com mais de 20 anos de carreira e com experiências tanto em cidades no interior do estado de São Paulo como na capital, continua dando vazão à sua pulsão artística por meio de Alexia Twister.

Responsáveis Pelo Entrevista

Jaime Solares Carmona, acervo Repep, 4 de maio de 2017

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA

Alexia Twister: Eu assistia as transformistas na televisão, que era a única referência que eu tinha, a primeira vez que eu comecei a... que eu fui prum clube gay, que eu vi um show de drag queen eu falei, meu Deus, é isso que eu quero fazer. Engraçado, foi um estalo mesmo que me deu. Apesar de todo o preconceito, estava recém chegado no meio gay, vamos dizer assim, então, aquilo tudo apesar de ter me causado muito estranhamento, me causou muito encantamento. E aí eles me inscreveram nesse concurso, eu tinha 17 anos, eu fiquei em segundo lugar, eu não ganhei. Eu competi sozinha e perdi pra mim mesma, aloca. Eu fiquei em segundo lugar, e eu não parei mais e aí eu comecei a fazer [drag]. Aí eu fiquei acho que 9 anos no interior depois disso. Bom vê se as contas estão certas. 2005 eu vim para São Paulo 2004, 2005 vim pra São Paulo então eu tenho 21 em setembro, 21 anos de carreira, estou com 37, 38. Então acho que é isso mesmo.

Entrevistador: E quando você veio para São Paulo, você já foi direto para essa casa lá perto da Blue Space?

A: Assim, quando se chega em São Paulo é muito fechado o meio, então a melhor maneira que eu encontrei de me ... De entrar no (inaudível) vamos dizer assim, foi participando de concursos, então fiz concurso de todas as casas que você pode imaginar, todos os concursos eu participei, aí eu não ganhei nenhum. Pois é, não ganhei. E aí o que aconteceu? Num desses concursos que foi na boate Danger, que fica ali na Rego Freitas, próxima ao Minhocão, inclusive, eu fiquei em segundo lugar. Existia todo um... tem todo um porquê ter ficado em segundo lugar aquelas que justificam (risos). Não, não foi comprado, a menina que ganhou já estava tentando há muitos anos, já tinha uma torcida muito grande, houve todo um... que a gente chama de máfia, o diretor artístico acho que tinha comprado o concurso. Na verdade é assim, a coisa era a seguinte: ele chegava por trás dos dos panos, por debaixo dos panos. Ele chegava para uma das drags e falava... olha, hoje o prêmio acho que é 20.000 [reais], na minha época era acho que era 1000 reais, 2000 reais, não estava nem aí pro prêmio, eu queria aparecer, queria me mostrar. Por ter passado por um monte de concurso, eu já sabia que mesmo que não ganhasse alguém ali ia me ver e me

chamar para trabalhar. Porque eu sempre tive muita, muita certeza. Eu tinha 9 anos, ou seja, já de carreira. Se bem que quando você chega em São Paulo, você começa tudo de novo, mas assim eu já tinha um certo know how e eu falei “eu vou trabalhar aqui, isso vai dar certo e nem que seja para casa mais fuleira, mas eu vou e eu vou conseguir”. E ele [o diretor artístico] chamou, chamava uma das drags, falou: “é o seguinte, você vai ganhar, você me dá o valor em dinheiro. Eu produzo você para a final e você ganha, OK?” Era esse o truque. Só que daí eram jurados que eram escolhidos pelo próprio diretor artístico, que não vem ao caso nome. É que nem é mais ele, e aí ele. Ele dizia quem ele queria que as pessoas votassem e começou a ficar uma coisa muito na cara e as pessoas falavam meu como assim a fulana e a pessoa que ele havia escolhido a roupa quebrou. Ela caiu, deu tudo errado no show dela, ela tinha ganhado. Silvetty Montilla, maravilhosa, vocês conhecem e que era a apresentadora do concurso no microfone mesmo, isso era uma quarta-feira e a Danger lotada ela falou: “Mas pera aí, tá errado isso daqui, não! Eu não vou sujar o meu nome de tantos anos de noite, para acobertar uma máfia, uma palhaçada dessas” e abandonou o palco. As pessoas aplaudiram a Silvetty, aí pegaram o microfone, falaram mal dela, aí a Silvetty voltou. Foi um bafafá! Cancelaram essa final. E aí foi feita uma nova final, inclusive, com um monte de gente e eu estava, era uma das finalistas. A que ganhou também era uma das finalistas, não era ela a eleita porque a Leona Top Fluor ainda trabalha bastante. E aí foi colocada uma nova, uma nova final. Neste meio tempo, o zumzumzum foi tão positivo para mim que outras casas me chamaram, incluindo a Blue Space que é onde eu queria [trabalhar] que é a casa onde qualquer Drag no Brasil deseja trabalhar, inclusive as de fora pedem, fiquei sabendo essa semana que elas perguntam “É na Blue Space?”, porque acho que são poucos lugares no mundo que tem a estrutura de palco que a Blue tem. Então todo mundo, poxa, é um sonho, bailarinos, palco que gira, viado que desce, viado que sai, elevador, então é muito legal. Não sei se vocês conhecem a Blue Space. E aí por fim eu fiquei em segundo lugar, ganhou a Leona. Eu representei no show, eu já consegui o que eu queria, mas vou fazer bonitinho. Fiz um show, rerepresentei um show que eu já tinha feito numa das finais, esse concurso acho que ele leva... Acho que 8 meses é, são várias finais, né? Aí você tem as semis, é bem difícil chegar à final. Eu fiquei em segundo. E aí, nossa, que longa essa resposta.

E: Não, maravilhosa, eu peguei muitas coisas dela. E você falou que foi na Danger e agora você está na Blue Space.. Por quais delas você já passou?

A: Eu faço todas em São Paulo. Das que não existem mais, por exemplo, eu já fiz aqui a... Soul Glow... Nossa eu já fiz todas, eu acho, todas do centro, Freedom, que tem lá no centro né, no Arouche... Freedom, Danger, tinha a Planet que agora é Flash. Blue Space que fica na Barra Funda, Nuestro Mundo, uma casa muito conhecida aqui na Consolação.

Jaime: Você se apresentou lá também?

A: Sim, sim.

Jaime: A gente conversou com a Miss Biá.

A: Maravilhosa, maravilhosa. Vocês devem ter cada história da Biá. Ela foi incrível. Incrível. A Bia, se não me engano, é a transformista ou drag queen em exercício mais velha do mundo, se eu não me engano

J: Estava o Derbi junto que é o empresário.

A: O Daniel.

J: É, e ele falou “é, tem aquela Rupaul em Nova Iorque, mas acho que ela não é mais velha!”

A: Não, a rupaul é bem mais nova, se bem que ela começou nos anos 70/80, a gente já conhecia a Rupaul antes do bom programa, é que as coisas aqui eram muito guetos, era muito fechado. Eu lembro que eu vim do interior até o... agente ia para a Galeria do Rock para comprar cd's da RuPaul, é que não tinha. Cd gente, não LP, né? Era bem difícil, não é? O acesso às músicas, o acesso à informação nem todo mundo tinha TV a cabo. Eu mesmo não tinha. Tinha internet, mas ainda é muito engatinhando.

E: Deixa eu fazer uma pergunta, você vê alguma diferença no público quando você se apresenta na Blue Space e quando você se apresenta na Danger, Freedom, tal?

A: Sim, eu divido muito público de São Paulo em Arouche e Augusta, as drags da Augusta tem uma outra pegada, um quê de underground, elas tem uma pegada muito das americanas. No centro, o apelo é diferente. No centro funciona muito transformista. Tudo é a mesma coisa tá gente. É que assim antigamente, o limite de montagem ou montagem que a gente podia ter na época da Biá, por exemplo, onde era muito mais manual, o mercado internacional abriu no Brasil em 95, mais ou menos, então antes disso era tudo muito com o que tinha, então o centro tem essa pegada ainda, muitas travestis fazem show, eles gostam dessa coisa mais feminina, mais feminilizada, mais parecido com a mulher. A Blue ainda mescla tudo, porque a Blue tá na Barra Funda, ela meio que abrange... Hoje mais ainda porque tem pista pop, as drags da augusta vão pra lá, enfim. E na Augusta tem essa pegada mais ou underground ou muito moderna ou meio americanizada, tem também as mais feminilizadas, mas você encontra no Centro o público que curte mais por exemplo bate cabelo, que é uma modalidade... uma modalidade é ótimo, que é um dos braços, vamos dizer assim, da arte drag, é um dos estilos de show, eles gostam de show de música lenta, mais de dublagem em italiano, aquela coisa travesti, entendeu. Super dramático. Franceses, mais dramático. E assim, basicamente as baladas são de música eletrônica, no centro, então isso também tem muito haver com o tipo de show que você leva, e também com o tempo de parada... No eixo augusta as baladas são pop, as músicas são pop, então isso tem muito haver com o visual das drags elas são mais funnys, são mais coloridas, tem apelo... tem uma coisa mais ligada à moda, que é o que a gente vivia nos anos 90, na verdade, a arte drag tem historicamente, se eu posso dizer, ela nasceu praticamente com a profissão de ator, né... A gente sabe que antes da Grécia antiga existiam manifestações artísticas, que eram muito parecidas com o teatro... com o teatro hoje, que a gente conhece hoje. Na grécia antiga, todo mundo sabe, mulheres não podiam fazer teatro, então os papéis femininos, na época, eram máscaras usadas por atores masculinos, e esses atores também usavam indumentárias, então usavam vestidos com enchimento e tudo mais e eram

feitos de uma outra maneira que é feito hoje, saíam do couro. Era uma história muito mais... era uma coisa mais etérea. Era diferente. Ai... aquelas que viveu né? Em outras vidas talvez. Basicamente é isso, porque eu estou falando isso... ah, então nos anos 90, quando... final dos 80 começo dos 90 quando a arte drag chegou no brasil de fato, a gente tem relatos de drag queen durante a história toda, geralmente ligadas ao teatro, à política, e tinha um outro papel, a drag ela foi separada da arte de interpretar, ou do ator no caso, antes dos anos 30/40, porque até o começo do século as drag queens não se chamavam drags, eram damas pantagônicas [pantomimas], eram outras... elas eram usadas mais para esquetes de humor ou para histórias mais nesse sentido dentro do teatro, esse rompimento ele se deu mais ou menos no século passado, no começo do século passado e as drags começaram a tomar os clubs eu acho, pelo que estudei tenho a impressão, até por uma falta de local mesmo para se apresentar, no final dos anos 50. Então nos anos 1950, a drag começou a ter essa ligação com a moda mais forte, ai você pesquisa a arte pop, você vai pesquisar o... meu deus fugiu o nome dele, enfim, grandes figuras dessa mesma época que contestavam a arte clássica e propunham a arte pop que foi chamado de lixo até, na época. Daí em diante as drags viraram meio que personagens de clubes né, clubs gays, que eram onde elas eram aceitas. Eu tô resumindo muito tá, é tudo muito mais complicado. Nos anos 90, no Brasil, eu... por isso que eu brinco muito eu vejo hoje muito, principalmente na cena Augusta, um revival dos anos 90 porque as drags são muito parecidas com o que a gente via naquela época, tanto as undergrounds quanto as mais coloridas, as femininas... Eu sempre digo isso, eu acho que tem a ver com um braço da moda também, a moda hoje tem essa coisa de revival dos anos 80, 90 né, eu vejo essas meninas de jaqueta, com o chapeuzinho redondo, isso o boy george usava nos anos 80, ou os cantores andróginos que a gente tem muitos hoje, talvez para algumas pessoas é novidade mas quem viu Secos e Molhados, as Dzi croquettes, isso é meio que uma nova versão do que a gente já viu só que numa maneira muito mais aceita, a mídia aceitou, mas você vê que isso não se desenvolveu, os artistas não vieram, os próprios Mutantes, Rita Lee, aquela coisa toda, que não é da minha época, eu estudei, estudei muito... então vejo muito como isso, e isso tem haver também com o público, hoje as pessoas elas.... eu falei isso numa entrevista até, elas te aceitam, gostam de você, mas pelo que você é, não pelo trabalho que você faz, por exemplo, se você aparece... não é uma crítica as americanas, eu acho o trabalho delas incrível, algumas mais do que as outras, claro, mas você participou de um reality show, "vc é a famosa tal", aí todo mundo te ama, mas "Quem é Alexia Twister? Ela participou de que programa?" sabe assim, é bem isso mesmo, hoje em dia as pessoas são muito mais ligadas a coisa da forma midiática, não presta muita atenção no trabalho que você desenvolve em si.

E: É engraçado, porque se você pensar que, por exemplo, é na Augusta, tem um tem mais drags underground. Mas é um underground muito ligado a um... a uma moda, uma mídia.

A: Também acho que hoje em dia, sim. Se você, se você pegasse as mesmas drags dos anos 90, nós, elas não tinham esse tipo de material, elas criavam do que elas se sentiam concorda? Não existia internet, não existia. Ou elas viajavam para fora e tinha um conhecimento de outras drags que faziam esse mesmo trabalho, sei lá em Nova Iorque, em Londres, que é onde realmente já existiam, que também faziam muito pelo instinto ou pelo próprio estudo na moda ou por curtirem de repente, enfim.

E: Então, tem uma diferença de como a cultura drag chega a elas também.

A: Com certeza. Acho que hoje em dia a maioria [acha que] é muito legal. Ser drag hoje em dia é muito bacana. “Uh imagina, eu vou ser drag, eu vou montar, eu vou curtir, eu vou assumir uma outra personalidade. Primeiro que é legal porque você dar um tempo na tua personalidade assumir outra é muito interessante. É muito legal. Para mim a minha drag, a Alexia, ela não é um personagem, ela faz parte de mim. Ela é um alter ego ou um traço de minha personalidade, para mim. Não quero ser mulher, nunca quis, não é? Mas é um traço de personalidade, mas para muitas, é uma personagem. Para muitas, para a grande maioria, se você perguntar, é uma personagem. Que eu assumo. Enfim, é muito legal. Então, assim, hoje é muito legal ser drag. Quando eu comecei era difícil tudo, era difícil ficar com qualquer outra, qualquer outro menino. As pessoas não queriam ficar com uma drag queen. Elas não queriam namorar uma drag queen. É, a aceitação da família também não foi fácil. Ai, hoje é tudo muito maravilhoso. Eu entrevistei algumas umas meninas para um outro projeto que eu fazia por conta da academia de drags que eu posso ter. E elas dizem lá “por que o meu pai é pastor e acha super legal eu me montar”. E eu falei “que bacana, que mundo maravilhoso”, quer dizer, eu acho que hoje em dia e o que eu sempre digo, a nova geração, não é uma crítica é só uma observação, não precisou passar por certos problemas que a minha geração ou a geração que me antecedeu, até mais do que, eu tenho 37 anos, então, para mim, as coisas estão tão bem gostosas, mas quem tem 40 e poucos anos, 50 anos, apanhou na rua, a própria Biá, ela era a única que podia andar montada na cidade de São Paulo, as outras se fossem pegadas na rua, montadas de uma casa para outra, elas eram presas. Na nossa, eu tinha uma camareira, chamava Desirée, ele era gay. Ele era bailarino, pra você ter uma ideia, não sei nem se ele está vivo, ele dançou na inauguração de Brasília como bailarino pra você ter uma ideia. Ele conta que, na época em que ele se montava, nos bailes de Carnaval, eles eram aceitos, você, as drags ou as transformistas eram aceitos por causa das fantasias luxuosas, né? Que viado adoro aparecer, quer dizer, nem todos, mas eu digo as bhicas que se monta adora. E ele me conta, me contava no camarim que eles só podiam passar pelo tapete vermelho, quando eles entravam no Baile de Carnaval, eles eram conduzidos por uma outra saída lateral. Eles não podiam fazer parte, eram pouquíssimos os que podiam fazer parte. A grande maioria não podia fazer parte porque eram bailes de alta sociedade, eram bailes de pessoas importantes e um homem vestido de mulher, apesar de ser Carnaval e ser divertido, entre aspas, não podia coexistir ali, não podia, né? Não podia participar, dividir aquele espaço. Era tudo muito mais difícil. Eu, a minha geração foi muito mais tranquila, então assim, eu o máximo de problemas que eu já tive com relação a isso, acho que, há... Já sofri preconceito, eu já sofri violência, mas nada comparado ao que ao que as pessoas que viveram nos anos 1970, por exemplo, 1960, viveram. Era muito mais complicado ser gay. ser gay era muito mais complicado. Pesei o role um pouco, né?

E: Não, muito bom. É, eu vi uma entrevista sua onde você caracterizou Alexia como uma camaleoa, porque ela está em quase qualquer...

A: Eu faço qualquer coisa, meu amor!

E: Então você tipo, você disse que o saber drag ele se aplica, ele é conhecido de diversas formas, aí tem um pessoal, as drags da Augusta, as do centro, então você acha que Alexia ela consegue se encaixar tanto...

A: Eu normalmente trabalho não com a mesma intensidade nos 2 lugares. Eu acho que sim. Eu me adapto muito bem. Se é para fazer pop, a gente vai e faz pop; se é para fazer um bate cabelo a gente vai e faz o bate cabelo; se é para fazer uma linha mais transformista, mais das antigas a gente vai fazer essa linha também; se precisar cantar que [inaudível] que eu não canto, vai cantar!

E: Mas você vai cantar hoje?

A: Ai, o menino canta, talvez eu faça algum número com ele cantando, eu vou me arriscar... [inaudível] Eu acredito que o artista, eu vim do teatro, então para mim, o ator ele é uma folha. No teatro tem isso diferente da TV ou de outras artes. Por ser palco, por ter luz, um ator de 80 anos pode fazer um menino de 4, tranquilamente, e vice-versa. Com o estudo, com o empenho, com o tempo, isso é possível fazer. Eu fiz uma peça. É, eu faço desde 2013, eu fiz porque assim, encerra temporada de repente volta e é um monólogo chamado Lola pioneira, em que eu faço uma Senhora de aproximadamente 80 anos, uma travesti e a travesti desmontada, vamos dizer assim. E a peça ela não tem data, não tem um ano específico, mas na concepção do diretor e por todos os indícios, a gente entende que ela é do começo do século passado, então, tipo anos 1930, anos 1940. Então, assim eu fui fazer uma senhora e é muito difícil fazer uma senhora e desconstruir com uma travesti totalmente 'vraaaa, e desconstruir para travesti mais masculina, tentando arranjar um emprego, sei que é muito louco, então nesse sentido eu sou muito aberta. Tem um show que eu faço, aliás, dois que eu faço cover da P!nk, que eu tenho que fazer tecido, mas eu nunca fiz aula de circo. Eu nunca fiz aula de circo! A primeira vez que me chamaram para fazer foi em Brasília. Falaram "olha, vem para cá, você vai fazer esse...". Desculpa já era no WhatsApp. "Você vai fazer esse número aqui", mas eu não, eu não faço esse não, "mas você vai arrasar". O show era na sexta, eu fui na quinta. Eu tive um dia e meio para aprender a fazer movimentos parecidos. E fiz! Porque eu acho que todo mundo pode fazer. Muitas drags ficam presas num estilo. Porque deu certo aquele estilo. Eu tenho medo de me enveredar por outras áreas desconhecidas, mas eu acho que isso é tão grandioso. Não deu certo, não faz mais ou então tenta aprimorar para fazer melhor. Eu penso assim, eu tenho essa escola que no interior a gente não tinha a drag que batia cabelo, a diva, a andrógino. A gente tinha que fazer de tudo porque [se] faltava apresentadora, pega o microfone e apresenta, a gente tem que ter o número de humor, ai vamos fazer humor aí tem... E o público te dá esse material maravilhoso, porque as pessoas, elas provocam a drag, né? Eles mandam uma resposta que... eles mandam uma pergunta e você tem que ter uma resposta "PÁ!" Aí eles "ai, arrasou". Então, quanto mais rápido você é, melhor. E hoje em dia, com uma coisa que eu não concordo muito, essa cultura do shade eu não curto muito, mas, meu amor, eu fico não quieta para ninguém, né? Porque a gente tem que ser rápida, né, é muito normal do nosso, da nossa arte essa coisa de contato com o público muito direto e de ter que ter a resposta ali na ponta da língua.

E: Você tem que estar preparada para tudo.

A: Pra tudo, pra tudo! Eu, ó, faz 21 anos que eu faço isso, eu vivo disso hoje também, porque eu faço outras coisas em paralelo, mas a drag ainda é minha principal renda. Então eu sei que eu vou ter que, inevitavelmente, andar com a bolsona pegando o metrô, pegando

ônibus, avião, e eu não sou rico até hoje, então tenho que estar disposto a fazer o que me pedirem.

E: É por isso que você mora no centro, por que é mais perto das casas?

A: Sim! Com certeza, sim. Eu faço as boates do centro todas a pé.

E: Que ótimo.

A: Porque nosso cachê é muito pequeno. Eu já vou montado, vou montado. E nesse caminho você ouve um gracejo, você ouve um “quanto é o programa?”, sabe? É ruim às vezes, é sim. Você tem que entender que o outro te dá o que ele tem né? Às vezes eu estou ali passando de cabelo roxo na rua, para um carro e “Oi, gatinha, quanto é o programa?” A primeira vez que isso aconteceu foi difícil, mas hoje em dia eu falo “Amore, desculpa, eu não faço programa, com licença” e vou trabalhar. No centro a gente não tem mais tanto essa questão de como era antigamente, de ser apedrejado ou então de alguma travesti não gostar... Eu já estou aqui há 11, 12 anos em São Paulo acho mais ou menos. Sou péssima com matemática. Então, assim que as pessoas já me conhecem naquele miolo, então me respeitam e tal, passou. Eu passo pela Rego Freitas, as travestis todas da rua “E aí bícha!” [inaudível], e dá tchau e vai e faz.

E: Há quanto tempo você mora na sua atual casa?

A: Faz pouco tempo, nessa atual eu moro desde outubro, mas eu morava na [rua] Barão de Campinas, que é do outro lado do largo do Arouche. É mais sentido Luz. Ali era mais perigosinho, mas eu também tinha que fazer o mesmo caminho, ainda perto do Largo do Arouche, ainda perto do Rêgo Freitas, ainda perto daquele miolo todo.

E: Então você está há 11 anos em São Paulo e sempre morou no centro, ou não?

A: Não, eu morei... quando eu cheguei eu morei na Barra Funda, na frente da Blue Space. Eu costumo brincar que eu vim para trabalhar na Blue Space.

E: Que legal!

A: Eu morava numa casa ali, que inclusive era, é do dono da Blue, não sei ainda é, acho que ele vendeu. Eu morei lá, acho que eu não vou saber se um ano ou um ano e meio. Aí fui para esse apartamento da Barão que eu fiquei acho que quase 6 anos, 5 e 6 anos. Ai, faz as contas aí, porque eu posso estar errado. E aí, em outubro, me mudei para esse apartamento ali na Santa Isabel, que é uma delícia, uma casa. Eu falo casa porque eu entro e me sinto numa casa. É um prédio pequeno de só 4 apartamentos.

E: Ah, isso mesmo.

A: É, então é mais aconchegante. É... eu, assim, por mais de ter saído do interior, o interior já saiu um pouco de mim, mas a gente tem essa coisa ainda né? De ai, do aconchego do lar

de ter as coisas perto também. Isso é o bom do centro, tudo muito perto, tudo muito próximo.

E: Você comentou esse negócio da casa e é engraçado, porque você vê os empreendimentos que estão sendo lançados, eles são super pequenos, não tem nada a ver com isso.

A: Sim, a minha casa. é enorme. É uma casa antiga, pé direito alto, sabe?

E: É a melhor coisa.

A: Sim, eu acho que ela deve ser do começo do século passado, porque ela é daquelas portas grandes, tem um sacadinha... Eu moro com um amigo, né? Que é meu amigo desde o interior, a gente já morava no outro apartamento juntos, então nosso quarto tem portas que se ligam, não que a gente use, né, que acaba cada um tendo um horário diferente. Ele é total horário comercial, né? Eu sou vários horários, vira uma loucura. Quando você me chamou pra gente marcar esse encontro, estava tudo tranquilo. De repente, aparece um monte de coisa, graças a Deus.

E: É sempre assim?

A: Sempre assim, exceto janeiro e fevereiro que é muito tranquilo.

E: Sério?

A: Sério! Janeiro e fevereiro, é pior época de trabalho para gente.

E: Por que?

A: Porque até o Carnaval ninguém faz festa, ninguém chama para viagem, muito raro. É... e as pessoas dão uma parada mesmo. Depois do Carnaval é que começa, que as coisas começam a esquentar.

E: Tem gente que está viajando ainda.

A: A maioria viaja, então, por conta das viagens de começo de ano e contas de começo de ano e Carnaval as pessoas não investem muito em eventos. Mas acontece. Em outros anos aconteceu mais e tal. Mas talvez nesse último ano, por conta, enfim, da situação política e financeira do nosso país, as pessoas esse ano realmente foi muito... Janeiro, fevereiro, eu vou te falar, foi difícil... [inaudível] Graças a Deus, pagando minhas dívidas no banco.

E: Uma pergunta, você já desfilou em alguma parada LGBT, você vai nas paradas?

A: Já, já. Bom, a parada é um assunto à parte. É, o começo, eu não fui na primeira parada, acho que eu fui na terceira, na terceira parada. E o espírito era outro. Eu não vou ficar aqui cuspidando no prato que eu como porque a semana que antecede a parada, que é um dos maiores eventos de São Paulo, não sei se é maior que a Fórmula 1 ou se é um dos

[maiores] junto com a Fórmula 1. A semana que antecede a parada, ela tem vários eventos e, graças a Deus, muitos eu trabalho. Então, assim, para mim é como se fosse o Natal para o comércio. Para a gente é uma época de muito trabalho também. Só que a parada antes... Então, assim eu não me excludo da parte comercial, vamos dizer assim, que se tornou a parada. Mas eu vou à parada se eu for a trabalho. Porque, hoje em dia, as pessoas não vão mais... não, vão, vão com o intuito de...

E: De reivindicar seus direitos...

A: De reivindicar, exatamente. Mas acho que a grande maioria vai porque é uma micareta fora época e as pessoas vão beber, vão se drogar, vão ***** no meio da rua, vão ficar peladas, vão ficar loucas e esquecer qual é o principal motivo pelo qual nós estamos ali. Eu já vi muitas coisas e eu falava “não, ano que vem eu vou de novo porque vai ser diferente”. E aí via as mesmas coisas e aquilo, quando eu ia por ir... Aí eu comecei a desanimar. Esse ano eu tenho propostas para ir para a parada, mas para trabalhar, e aí eu vou. Se fechar, se fechar eu vou. Eu não vou deixar de ir com o intuito de lutar pelos meus direitos também, mas se eu não precisasse trabalhar hoje, eu, sinceramente, não iria.

E: Você falou que hoje em dia você consegue pagar a maioria das suas contas como drag.

A: Como drag.

E: E que tipo de atividade complementar você faz?

A: Maquiagem. Eu faço maquiagem. O teatro. Dentro do teatro eu também faço visagismo, faço maquiagem...

E: Todas essas atividades são muito complementares, né?

A: Sim. Tudo tem muito a ver. Eu sou artista mesmo, não tem como fugir disso.

E: Uma das últimas perguntas. Quando você fez o academia de drags você acredita que isso aumentou sua visibilidade?

A: Ah, sim. Por menor que tenha sido, aumentou, foi muito bom para mim. Foi muito bom. Em termos de viagem, que é quando a gente ganha mesmo dinheiro. Em termos de respeito, por causa da visibilidade mesmo, as pessoas te olham de uma outra maneira. “ah, porque você também sabe falar muito bem”. Porque as pessoas não tem a coisa da voz, né? Basicamente, os shows são de dublagem, né? Uma coisa ou outra, as vezes quando faço uma peça e alguém vai assistir, por que você interpreta... Mas isso aumentou muito, foi bem legal, foi muito bom para mim. Aparecer no primeiro foi bacana, mas a participação na segunda foi bem mais importante.

E: É que teve repercussão nacional.

A: Sim, sim... bem, bem legal.

E: Qualquer pessoa com internet conseguia te ver.

A: Conseguia me ver. E aí as pessoas continuam assistindo, tem gente que descobriu agora um negócio que foi feito há um ano atrás, dois anos atrás... A gente tá esperando a terceira agora, mas a Silvetty tá no Rio, com Cartola né? Tá no musical. Temos que esperar a Silvetty decidir as vindas delas e também patrocínio...

Eu trabalhei na G Magazine durante um tempo...

E: Ah é?

A: É, eu fiz tudo lá dentro. Até a capa da G já fui... De costas, verdade, procura na internet... Foi uma edição da Bruna Surfistinha. E aí os meninos que fizeram parte do filme posaram para a revista e eles precisavam de uma Bruna. Não iam pagar para a Deborah Secco e eu apareço de costas assim, de costas mas tá, sou eu, a bunda é minha. E que mais? E aí na SG eu já via como era difícil uma questão de anúncios para revista. Porque as pessoas não queriam ter a sua marca vinculada ao meio gay. Os anunciantes principais eram saunas, boates e produtos direcionados para a categoria, enfim. Era muito complicado. Eu via o pessoal que eu penava para conseguir apoio.

E: E a academia, ela ainda é mais circunscrito? Ou seja, uma cultura drag, né?

A: Pois é.

E: Nem todo mundo consegue valorizar, né?

A: Não, não, é como eu falei para você. Muitos atores não valorizam a cultura drag. Um pouco, porque acabou virando uma cultura que se desligou do teatro e virou... o teatro é popular, eu não entendo, ele é muito mais popular, mas eu acho que ficou muito fechada dentro de uma tribo. Talvez por isso as pessoas não valorizem. E a maioria das drags que você assiste alguma entrevista, te envergonham, porque elas não sabem falar. Elas não sabem nem porque elas são drags, não sabem nem de onde veio a cultura drag. Muito, a grande maioria, é despreparada.

E: Um pouco é consequência da popularização da cultura.

A: Com toda a certeza, com toda certeza. Acaba que muitas vezes a drag é uma... Eu conheço pessoas que compraram sua casinha que não tem um dente na boca, mas compraram a sua casinha fazendo show de drag. As pessoas não têm cultura mesmo. Tem uma drag que não sabe ler, existe em São Paulo, ela não sabe ler. Mas ela foi e fez as coisas dela com o dinheiro de show. Como eu vejo muitos, muitos meninos virarem travestis na rua. Porque, sabe a história do jogador de futebol? Que o menino pobre sonha em ser jogador de futebol para ser rico, porque é o jeito mais fácil que ele vai conseguir subir na vida, entre aspas, é o que muitos acreditam. É a mesma coisa: "Olha, eu sou gay. Eu gosto de pegar todo mundo, eu vou virar travesti e vou fazer o programa". Muitas pensam assim.

E: É muito inocente isso.

A: É muito inocente. Às vezes não têm noção do perigo e do tipo de vida. Eu também não tenho completa noção. Mas para fazer essa travesti e também... eu vivo no Largo do Arouche, a gente vê as coisas acontecendo, da minha janela eu vejo como é que funciona. É muito triste, muito triste, mas as pessoas vem. Hoje as pessoas são muito desesperadas para aparecer e eu vejo muita gente virando drag porque elas querem ser alguém.

E: É drag de temporada.

A: Exatamente. Bom termo vou usar.

E: Pode roubar.

Você comentou da das modalidades drag. Quais são?

A: Nossa, as Americanas tem infinitas. Assim, tem estilos até que eu não conhecia. É, tem um Instagram chamado We Love Queens. Tem uns muito interessantes, uns até bem parecidos com a gente. Partindo do princípio que drag queen é uma expressão artística e que não tem a ver com o gênero, então, qualquer pessoa pode ser drag queen, hétero, bi, gay...

E: Mulher?

A: Mulher pode ser drag queen, existem as mulheres que são drags. Tem um grupo, inclusive, se não me engano, chamado... Ai, não vou lembrar. Elas são fofíssimas! Riot Queens?

E: É gringo?

A: Não é aqui do Brasil. Uma das meninas é a Mari, Mari Piovezan, depois você pesquisa. Mari é uma querida, maquiagem linda. Então, existe um termo que era, acho que era, faux queen, que é o termo errado com que chamavam as meninas, que seria uma falsa rainha, né? Ou então... É drag queen, né? Tem as que são andróginas e que, como Ícaro, por exemplo, não usa cabelo, não usa peito, não aquenda a neca... Tem as drags que são trans..

E: Como funciona isso? Quando elas começam a ser drag, quando elas param?

A: Partindo do princípio, novamente, de que é uma expressão artística, então é quando elas se apresentam, quando elas fazem um show, uma performance, uma aparição...

E: Quando ela sobe no palco.?

A: Exato. Tá, existe uma diferença, né? É de linhas. Aí tem umas que gostam de estar mais coloridas, tem outras que gostam de estar mais feminilizadas, mas não deixam de ser transformações, elas assumem personalidades diferentes para se apresentar. Tem uma drag, que eu chamo de drag, mas ela já é trans, a chamada Striparella, e que eu tive o prazer de trabalhar, a gente era colega de Blue. Ela está na Europa agora. A Stripper começou a menino, enfim, quando começou a se montar como drag. Depois, nesse meio tempo, ela se transformou, colocou os seios e tal, virou uma mulher linda. E adotou o nome

de Melissa. A Melissa é o oposto da Stripperella. Assim, de personalidade, né? Stripperella é toda poderosa, loirona, gostosa, dominadora, a Melissa já é uma menina de 5 anos, às vezes, boba, engraçada, gosta de coisas simples.

E: Mas... é a Melissa, né?

A: Melissa.

E: Você acha que isso tem um pouco a ver com uma vontade de pertencer ao mundo doméstico?

A: Eu acho que todo mundo tem um pouco, acho que a grande maioria tem um pouco de vontade de fazer parte. Eu acho que sim. Nós falamos recentemente pelo WhatsApp. E ela estava falando assim, ela falou assim: “a coisa que eu mais gosto de fazer aqui...”, ela tá em Paris, “...é andar de metrô, e eu não podia fazer isso em São Paulo sem ser olhada”. E ela falou “eu adoro andar de metrô, aqui ninguém nem olha pra minha cara, as pessoas respeitam”.

Eu já peguei metrô montada algumas vezes, não tive nenhum problema. Aliás, é uma coisa em algumas linhas. Por exemplo, tem uma sauna, que a gente faz show que fica ali no metrô São Judas. É muito mais viável ir de metrô do que de táxi, por exemplo. Então, às vezes eu ia e me montava no lugar. Eu geralmente me monto em casa. Hoje, tinha que ensaiar, por isso que eu vim desmontada. Então, são coisas que... Todo mundo gostaria um pouco que fosse mais natural para as pessoas entenderem que isso é uma arte que você não... não tem a ver com perversidade ou com ***** mesmo...

E: Com sexualidade?

A: Com sexualidade, por mais que às vezes passe por isso.

E: Eu acho que é isso. A gente vai deixar você ensaiar.